


JOSÉ E 34 LETRAS ATRAVÉS DO ESPELHO¹

*Simone Dias*²



Hoje, minha intenção não é a de sublinhar os equívocos ou sugerir outros traçados que poderiam ter sido perseguidos na realização desta dissertação. Minha opção será a de delinear a trajetória do trabalho, mostrando como as questões foram surgindo para, em seguida, abordar as interrogações que persistem.



Tomando como foco da pesquisa as revistas, enfatizo que uma das satisfações na realização deste Mestrado em Teoria Literária foi a possibilidade de efetivar um estudo das questões fundamentais da crítica contemporânea. Esta dissertação se constitui, então, no reconhecimento dos espectros de posicionamentos, interesses e influências que se expressam nos textos de dois periódicos — José e 34 Letras —, tomando-os como dois grandes relatos. Nessa trajetória, procurei observar as escolhas temáticas, os editoriais, os traços que marcam as duas publicações, assim como as referências teóricas, as escolhas de colaboradores e as tensões que as permeiam. Isso permitiu pensar as revistas através de duas metáforas, a do legislador e a do intérprete, capazes de dramatizar o conflito que se pode ler. Em sucintas palavras, pode-se dizer que Zygmunt Bauman postula que o intelectual legislador pressupõe a possibilidade de se fazer pronunciamentos de autoridade que arbitram as normas da arte, estabelecendo hierarquias e definindo o juízo artístico, enquanto que o intérprete prevê a vigência de pontos de vista que diferem entre si, sendo que sua tarefa consiste em traduzir as tradições culturais.

Minha eleição pelas duas revistas cariocas não se deu ao acaso. Não fosse pelo local em que são publicadas, pelo amplo espaço destinado aos poemas e pela

¹ Este texto foi escrito como parte de minha arguição de defesa do Mestrado. A dissertação — José e 34 Letras através do espelho — foi defendida em 9 de março de 2000. A banca, presidida por minha orientadora, professora doutora Maria Lucia de Barros Camargo, foi composta pelos professores doutores Rita de Cássia Barbosa (UFSC) e Iumna Maria Simon (USP). A Dissertação se encontra depositada junto à Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Doutoranda em Literatura — UFSC. Professora da Universidade do Vale do Itajaí.

confluência de diversos colaboradores comuns, é preciso dizer que ambas refletem de forma aguda e emblemática o fim de década a qual pertencem. São sintomáticas do momento cultural em que emergem e carregam os impasses que as circundam. Obviamente, respondem de forma particular a estes, a partir dos quais é possível delinear os pontos de diálogo e de tensão estabelecidos na leitura das duas formações críticas.

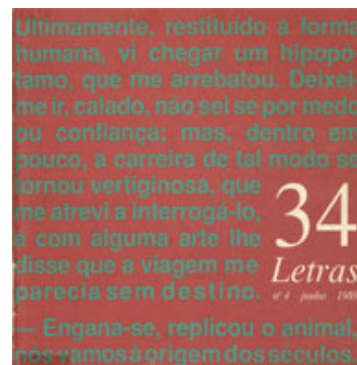
Na primeira etapa desta pesquisa, procurei esboçar uma biografia de *José*, verificando desde as procedências dos "*Josés*", e suas vinculações com o grupo pernambucano O Gráfico amador, às características formais da revista. O mesmo foi feito com *34 Letras*, apesar de que, sendo resultado de uma confluência muito mais ampla — que reúne em suas páginas alunos da PUC (conselho diretivo e colaboradores), ex-integrantes da *José* (dez anos depois), os concretos e seus epígonos, e a "nova filosofia" francesa —, as procedências não foram tão exploradas, mas as inserções e as tensões daí advindas.

A primeira revista, *José*, fruto da reunião de um grupo de pernambucanos no Rio de Janeiro, é lida como um dos movimentos difusos do Modernismo de 22, e fornece testemunho da crise da figura do legislador. Ou seja, vimos tomar forma em *José* um legislador angustiado, que assiste, inequivocamente, neste período de transição no Brasil que são os fins dos setenta, aos recuos dos marcos de avaliação. O perfil do crítico que aparece como modelo em *José* ainda se apóia no julgamento, e, nesse sentido, as entrevistas com Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux são emblemáticas, ao apresentarem considerações que refletem a crise diante do declínio da autoridade. Os debates promovidos pelo periódico também fornecem indícios do mal-estar diante da tarefa de definir os critérios de qualidade literária, ou seja, de estabelecer critérios de julgamento. Dessa forma, pode-se sugerir que *José* nega a evidência quando ainda se apóia no ato de arbitrar, testemunhando os dilemas do momento de transição. Quero dizer: diante da consolidação da indústria cultural, marcada pela ampliação do mercado editorial, *José* se vê frente ao dilema: como manter a "alta literatura" sem ser uma alternativa de massa?

Com um olhar crítico no que concerne à cultura de massa, a revista *José* parece buscar, nos debates, uma saída, uma possibilidade de conjugação entre manter os valores literários e, ao mesmo tempo, vender a revista. Na medida em que lia os textos publicados, fossem de literatura, arquitetura ou bibliologia, observei a preponderância

de uma perspectiva nostálgica e de angústia frente ao impasse, o que nos remete ao poema drummondiano que batiza a revista.

Já em *34 Letras*, a leitura dos textos e das estratégias (divulgadas ou) adotadas pela revista demonstra que a angústia do legislador foi praticamente descartada; em seu lugar, ganha voz a busca pela pluralidade, havendo espaço e dinheiro para abrigar várias linhagens da crítica contemporânea, sendo que, no que se refere à poesia, o lugar de honra é ocupado pelo



concretismo. Ao se imputar os rótulos de "não-comercial" e "não-institucional", *34 Letras* procurava se beneficiar de uma suposta autonomia tanto com relação ao mercado quanto com alguma instituição. Além da ascendência da tradução, procurei tratar de questões que me pareceram relevantes no periódico, como a estratégia de compor um diálogo publicando ensaios e excertos sobre uma mesma temática que se provocam e se acotovelam. Outra estratégia é a da publicação, lado a lado, de consagrados e "desconhecidos", na qual se lê tanto o processo de deshierarquização, que ganha grandes proporções em nossos dias, quanto se percebe o que chamei de "adesismo". Ou seja, diria que há uma tentativa de se legitimar alguns nomes na esteira de outros. Refletindo sobre as práticas de *34*, tive o intuito de problematizar a possibilidade de pensá-la como uma revista pós-moderna.

Penso que convém tratar de uma formulação proposta por Mattei Calinescu, em *Cinco faces da modernidade*, que alude ao problema de uma certa estagnação da cena contemporânea, afirmando que o novo já não é novo. Reflete sobre a arte pós-moderna sugerindo um contra-ponto com a vanguarda, que estava imbuída da dupla tarefa: destruir e inventar. Certamente, a negação se constitui como o momento significativo na ambivalente lógica da inovação radical: é o velho, o passado institucionalizado, a biblioteca e o museu, o que deve ser efetivamente rechaçado e desmistificado. Podemos dizer, ainda com Calinescu, que a pós-modernidade abandona as constrições da vanguarda e opta antes por uma lógica da renovação que pela inovação radical, entrando num vivo diálogo reconstrutivo com o velho e o passado. Este também pode ser lido como o caminho de *34 Letras*, em que estéticas mutuamente excludentes coexistem, em que textos que se tensionam teoricamente dividem as páginas de um mesmo periódico. Com relação às vanguardas, vimos que o êxito e o sucesso as transformaram na 'condição crônica' da arte, sendo que a repetição de suas estratégias ou de seus

discursos perde o vigor de ruptura e aparece agora com outros propósitos. 34 *Letras* carrega essa ambivalência.

Outro ponto que, a meu ver, merece ser retomado nesta defesa se refere à dificuldade de encontrar definições e categorias que dessem conta do corpus analisado. Porém, nem por isso deixei de empregá-las. Sintoma de nosso próprio tempo, que recusa as compartimentalizações estanques e promove o esmaecimento das fronteiras, esta dificuldade foi enfrentada de modo a não perder de vista a tensão imbuída em cada categoria, mas valendo-me delas para fins didáticos. Até porque, também é preciso advertir que as estratégias pós-modernas não implicam a eliminação das modernas, mas são seus desdobramentos.

Assim, utilizo a metáfora do legislador para ler *José* ciente de que, em alguns textos, se delineia a própria impossibilidade de nos atermos a tal categoria. Em 34, enxergo o intérprete sem perder de vista que ainda é uma figura incipiente, mas que, diante da impossibilidade de atuar com práticas legislativas (e essa já é uma questão resolvida em 34), no abandono da suposta universalidade da verdade, do juízo e do gosto que permitiam aquele de arbitrar, ensaia alternativas de tradução entre tradições culturais. Nesse sentido, ao tratar da nova ficção que hibridiza crítica e ficção, das histórias em quadrinhos, da música ou do cinema, a revista contempla outros artefatos culturais, que não somente os circunscritos à esfera da alta literatura. Com Bauman, afirmo, para complementar, que a postura do intérprete deve ser a de responder apropriadamente pelas regras que guiaram sua leitura fazendo válida ou autorizada a interpretação. Cabe ao intérprete, nessa perspectiva, o esforço por descobrir, e não por legislar, as regras que estão por trás dos acordos.

Convém destacar ainda que não foi propósito deste trabalho uma tomada de posição pró ou contra o pós-moderno. Parece-me necessário fazer algumas ressalvas nesse sentido. Penso que o caráter irreversível do pluralismo é ponto pacífico, porém, não se deve entendê-lo como puro efeito nocivo da pós-modernidade. Afirmo nesta dissertação que há casos em que o discurso do pluralismo pode ter tais conseqüências, sobretudo quando se utiliza dele como mero efeito discursivo. Assim é que, com o lema do pluralismo, o concretismo se auto-elege a vertente poética pós-moderna por excelência, distribuindo os louros, citações e elogios. Ora, não há aí resquício de pluralismo, mas sim uma jogada estratégica de marketing que coloca o concretismo na "crista da onda", por um lado, e, por outro, explicita o autoritarismo. Teoria francesa pós-estruturalista de um lado, a crítica brasileira renomada de outro, um layout arrojado

bancado com as benesses da lei Sarney, enfim, um "prato cheio" para desfilarmos o figurino "alta cultura".

Quando a revista surgiu, o muro de Berlim estava prestes a ser derrubado; quando acabou, restavam ruínas. O mesmo não aconteceu com o Grande Divisor, para retomar a metáfora de Andreas Huyssen, que o define como o tipo de discurso que insiste na distinção categórica entre alta arte e cultura de massa. Discurso que vem sendo posto em xeque pelos recentes desenvolvimentos das artes, do cinema, da literatura e da crítica, desafiando a "canonizada dicotomia alto/baixo" e a barreira que mantinha os bárbaros do lado de fora e a cultura do lado de dentro. No estudo de *34 Letras*, conclui que a revista pouco contribuiu com a derrubada do muro, sendo que ainda se identifica ali o discurso que reafirma a dicotomia, elegendo produtos já legitimados na esfera "cult". A revista ensaia o salto no muro entre cultura letrada e cultura de massa, o trânsito nas duas esferas, mas inexoravelmente opta, com preponderância, por escolhas que pertencem à cultura erudita. Este é o paradoxo da revista que, por outro lado, abriga as teorias a-sistemáticas do neo-nietzscheísmo francês. Assim, há os guardiões do muro, mas há também os que dele arrancam pedaços.

Vimos que não há só o que condenar. É interessante notar, por exemplo, que, ao observarmos o referencial teórico de *34 Letras*, percebe-se um trânsito efetivo entre as disciplinas. Ou seja, a filosofia, a antropologia, a sociologia, a psicanálise, para citar algumas, servem para se pensar questões da crítica literária e vice-versa. Em grande parte das revistas da década de 70, ainda verificamos uma compartimentalização que reproduz as divisões de departamentos das universidades, o que definitivamente se borra em 34.

Nem de forma celebratória nem apocalíptica eu gostaria de finalizar este trabalho. Antes, prefiro concluir com construções interrogativas para que se possa seguir pensando e dialogando sobre as estratégias e as possibilidades de uma revista, um artefato cultural, assim como sobre o próprio lugar do crítico no cenário da pós-modernidade. Afinal, há possibilidade de se conjugar uma atitude crítica com a lógica pluralista? É ponto pacífico a necessidade de redefinir o sentido de nossa viagem, como disse Bauman. Legislar, ter controle, emitir pronunciamentos de autoridade, segregar, classificar são tarefas que não têm mais respaldo nem sentido na cena contemporânea, e isto pode ser bastante positivo. Sobretudo, se estivermos dispostos a conversar.